



## Atravessando o avesso do mundo

Renata Ávila Troca<sup>1</sup>

### Resumo:

O trabalho que se segue tem a finalidade de apresentar um diálogo traçado entre duas diferentes vozes que se cruzam além de oceanos. O Averso do mundo é um documentário de onze minutos que envolve a escritora angolana Ana Paula Tavares e o interlocutor “seu Beto”; um catador de lixo da cidade de Dom Pedrito (Rio Grande do Sul/Brasil). Este vídeo foi apresentado como parte integrante da defesa de dissertação de mestrado desta autora ocorrida em maio do corrente ano. Criado com o foco no tema “guerra” filtrou-se trechos de uma crônica da angolana, “Carta para Alexandria”, do livro *A cabeça de Salomé* (Lisboa, Editorial Caminho, 2004), pensando em apresentar a voz de quem sofre a guerra e através de seu Beto, pelas escolhas de narrativas guardadas no arquivo pessoal criado nos sete anos de contato com a família, pensou-se em representar a parte ativa de uma guerrilha, ou seja, o guerrilheiro. Tal texto imagético foi construído a partir de fontes bibliográficas tal como Umberto Eco e Roland Barthes, quando questiona-se o caráter de autoria das três representações que ali são encontradas: (pesquisadora, escritora consagrada e um interlocutor anônimo). Também com Ana Mafalda Leite percorre-se os testemunhos orais da história angolana e do corpo, livre das territorialidades que o circulam. Pensando na busca da *Captura da voz* organizada por Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz, encontra-se com *A voz e letra* de Laura Padilha, para enfim discutir-se *O passado, a memória e o esquecimento* com fonte em Paolo Rossi. Resultando enfim na *Performance* de Paul Zumthor e na sua Poética da Voz defendida também por Ana Lúcia Liberato Tettamanzy. Notou-se que a performance foi fundamental para que a união destas vozes seja bem entendida e interpretada, pois há a transcrição das falas, palavras apenas, na dissertação, e na estruturação no vídeo com a voz deles guiando as palavras e paisagens, ganha-se um novo texto com novos elementos e riqueza que podem caracterizá-lo como uma linguagem viva e pulsante.

**PALAVRAS-CHAVE:** poéticas da voz – memória – performance – guerra

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Luso-africana da UFRGS. [renataa.t@hotmail.com](mailto:renataa.t@hotmail.com)

## Abstract:

The present study aims to provide a conversation established between two different crossing voices that go beyond the oceans. The upside down of the world is an eleven-minute documentary involving an Angolan writer Ana Paula Tavares and an interlocutor "Seu Beto", a garbage collector from Dom Pedrito (Rio Grande do Sul -Brazil). This video was presented as part of the defense of dissertation of the Masters Degree Student that occurred this year's month of May. The study was focused on the theme " War " and filtered extracts from a chronicle by the Angolan writer, " Letter to Alexandria ", from the book *The head of Salome* (Lisbon, Editorial Caminho, 2004), considering presenting the voice of those who suffer with the war and across Seu Beto, choosing narrations stored in the personal file created during seven years of contact with the studied family, it was thought to represent the active part of a guerrilla, that is to say the guerrilla man himself. This image text was constructed from bibliographic sources such as Umberto Eco and Roland Barthes, at the time when it is enquired the nature of authorship of the three representations found there: (researcher, consecrated writer, and an anonymous interlocutor). Considering that the writer Ana Mafalda Leite, it was covered the oral testimonials of Angolan History and Body, free of territories dominations where it moves round. In the quest for the Voice Capture organized by Maria Inês de Almeida and Sonia Queiroz, together with the Voice and Letter by Laura Padilla, in order to finally discuss the Past, Memory and Forgetting using as sources Paolo Rossi. The final result is the Performance by Paul Zumthor and the Poetics of Voice also defended by Ana Lucia Liberato Tettamanzy. It was noted that the performance was crucial for the union of these voices understanding and interpretation, since there is the transcription of the speeches, exactly words, in the dissertations and in the building of the video with their voices guiding words and landscapes. Thus, a new text arises with new and rich elements those can characterize it with a living, pulsating language.

Key-words: poetics of voice, memory, performance, war

Traçou-se, na pesquisa apresentada em forma de dissertação de mestrado realizada ao PPGLetras da UFRGS, um paralelo entre dois tipos de narrativas que resultou num terceiro gênero: documentário. Tive como interlocutores seu Beto<sup>2</sup> e Ana Paula Tavares<sup>3</sup>. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy colabora:

Essas vozes da cultura local, compartilhadas em performance, encontrariam lugar na sua escrita; contudo, para ele [Ruy Duarte de Carvalho] não se tratava de escrever diferente para produzir um modo africano nem em nome do outro, mas, empregando os termos de Zumthor, tratava-se da integração no texto da “verdade vivida, ao abrigo de todo sequestro racional”. (TETTAMANZY, 2012, p.6)

Somente através do vídeo foi possível descrever, mostrar, permitir que seja lida a narrativa de seu Beto, pois a sua performance é de extrema importância para o acompanhamento de sua fala. Paul Zumthor, a respeito, nos fala: “o texto se prepara para entrar em performance, para integrar-se no movimento de um corpo, em sua verdade vivida, ao abrigo de todo sequestro racional”, (ZUMTHOR, 1993, p.162), pois:

a performance pode ser considerada, ao mesmo tempo, um elemento e principal fator constitutivo. Instância de realização plena, a performance determina todos os outros elementos formais que, com relação a ela, são pouco mais que virtualidades. (ZUMTHOR, 2010, p.164)

Em “O homem-ovo”, documentário editado por mim em 2011 e publicado em 2012<sup>4</sup>, há o cruzamento entre as narrativas de seu Beto e a crônica intitulada “O meu encontro, à porta fechada, com a beleza” de Tavares desta mesma obra (2004). Neste texto, Tavares descreve falas de um personagem denominado Homem-ovo, possuidor de características similares às do seu Beto, tanto que o chamo também de Homem-ovo; motivo que origina o vídeo.

O texto, organizado em 18min13seg, foi dividido em temas que dizem respeito também aos estudos pós-coloniais. Luta e/por cidadania (1min43seg); procurando (-se)

---

<sup>2</sup> Adalberto de Almeida Moreira, seu Beto, nasceu em 20 de setembro de 1952, em Santana do Livramento (fronteira gaúcha com Rivera/Uruguai). Filho de marceneiro e dona de casa, fez da profissão do pai a sua até os dezessete anos, quando saiu de casa para nunca mais voltar. Abrigou-se na luta por cidadania e respeito social para si e outros na ocupação de um terreno baldio em Porto Alegre, nos anos 90, e também por liberdade na guerrilha Tupamaro, no Uruguai, nos anos 70. Nos últimos oito anos tenho escutado, em Dom Pedrito (RS), suas memórias de luta, colonização, guerra e vida.

<sup>3</sup> Ana Paula Ribeiro Tavares nasceu no dia 30 de outubro de 1952, no Lubango, Huíla, província localizada ao sudoeste de Angola. É filha de Maria Emília, de descendência portuguesa, e de Geraldo Agostinho, de origem kwanyama. Desde os nove meses de idade, como era costume no contexto da situação colonial, foi criada pela madrinha, e da casa desta só saiu para casar. Começou o curso de História na Faculdade de Letras do Lubango (atualmente denominada ISCED-Lubango.) e concluiu o curso em Lisboa. Em 1996, também concluiu, pela mesma Universidade de Lisboa, o Mestrado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Concluiu o Doutorado em História e Antropologia sobre Angola na Universidade Católica de Lisboa, onde também leciona Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Continua morando em Lisboa.

<sup>4</sup> TROCA, R. O homem-ovo. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=EURs3xCzRL8>. Publicado em 22 de fevereiro de 2012.

(3min00seg); encontrando-se ao se esconder (3min54seg); hibridismo (5min21seg); (des)patriação (6min17seg); diáspora (8min13seg) e (re)identificação (10min05seg). Elementos trazidos, portanto, das análises da obra de Paula Tavares, porém, identificados nas falas de Seu Beto.

A época globalizada é esta em que, além de nos relacionarmos efectivamente com outras sociedades, podemos situar a nossa fantasia em múltiplos cenários ao mesmo tempo e nos devemos interrogar sobre se as diferentes narrações do mundo são ou não compatíveis entre si. (CARVALHO, 2008, p. 61)

Com Ruy Duarte de Carvalho, caminho em direção de uma poética construída no cotidiano, no *ser(e estar) junto*, mesmo que este “junto” seja ficcional ou metafórico. Da mesma forma metafórica, posso pensar o encontro da voz e letra, pois aqui são necessárias apenas letras para conseguir expressar esta pesquisa.

Penso em Laura Padilha, que me ajuda:

O movimento de revitalização, pela escrita, de normas e procedimentos estéticos da oralidade acirra-se, quando a cultura toma consciência de seu hibridismo e busca formas de equalizar as duas forças quando os imaginários artísticos percebem que se faz necessário subverter o discurso hegemônico. (PADILHA, 2007, p. 209)

Enfim, o hibridismo torna-se necessário e talvez a única solução possível de se fazer presente em pesquisas acadêmicas como esta. Ou seja, a tradição oral (re)aparece na Literatura africana vinculada à discriminação da cultura do povo diante da língua do colonizador (escrita), ou, como pensa Ana Mafalda Leite:

Insistir numa visão monolítica e indiferenciada de uma estética africana é uma forma também de negar a heterogeneidade e complexidade do universo cultural africano. É talvez ainda a manifestação de uma visão neoafricanista, que encara o continente como totalidade indiferenciada, quando as diferentes nações africanas constroem há várias décadas o seu percurso literário e diferenciado. (LEITE, 2012, p.25)

Por ser uma das características mais evidentes da Literatura africana, a oralidade angolana expressa na voz de outro – não africano – causa turbulência na hora de referenciar teoricamente. Por conta disso, tenho usado os estudiosos africanistas, como acima citados, mas também defensores da performance – Paul Zumthor – como prática de narrativa (Ana Lúcia Tettamanzy). Enriquecendo ainda mais esse grupo, apoio-me em Luciana Hartmann, que após ter feito uma pesquisa somente escutando causos regionais das fronteiras gaúchas, ganha minha admiração ao identificar que “Entre seus causos e suas histórias de vida, informações, éticas, posturas, subjetividades, regras sociais vêm à tona. Colocadas em gestos e palavras, são postas à prova. (HARTMANN, 2011, p.53)

Hartmann apresenta a fala de Dona Iracema, de 77 anos, moradora de Rivera/Uruguai: “Olha, eu passei taaanto trabalho, taaanto trabalho, que eu não me canso nunca de contar. Ai, quando cooonto... que te conto isso fico tão satisfeeeita...conto pra uma persona que me dê atenção, viste? Que me enteeenda...” (HARTMANN, 2007, p.58) Essa fala simples e de bastante entonação (percebidas na repetição das vogais) traz à tona a marginalização em que normalmente os narradores da autora estavam. Com seu Beto não é diferente. Percebo que, ao relatar suas histórias, sua autoestima e sua valorização social crescem. Contando-me, ele revive aquelas histórias, as recria da maneira que gostaria de tê-las vivido, ou com os dados de que se lembra, em sua memória seletiva, me narra uma lembrança que tem guardada no fundo de seu olhar vítima de discriminação e rejeição social. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy a respeito diz: “a complexidade e o movimento da vida contemporânea são capturados a partir de recursos próprios da ficcionalidade, posto que os atores são inscritos em enredos, por sua vez assentados em condicionamentos espaço-temporais.” (TETTAMANZY, 2012, p.4)

Não me preocupei se os fatos narrados por seu Beto eram verídicos ou não, uma vez que ele os conta, passa a ser verdade, seja em sua memória, seja em sua trajetória. É Tettamanzy que me ajuda, mais uma vez: “A experiência de campo, ou o estar junto, constituem, portanto, suporte da escrita etnográfica que utiliza a configuração narrativa como forma de produção de pensamento.” (idem, p.4)

Tettamanzy, mais adiante, ainda destaca:

a narrativa constitui um recurso amplamente utilizado tanto por ficcionistas como por antropólogos em seus propósitos de dar conta da vida humana em determinados tempos e espaços. Se, para os últimos, importa, grosso modo, fazer uso da objetividade e de aparatos metodológicos para a descrição e interpretação das culturas, para os primeiros, destaca-se a preocupação em construir mundos possíveis de modo esteticamente elaborado. No entanto, sabe-se que a objetividade vem sendo posta em xeque não só nas ciências humanas, em nome do relativismo dos pontos de vista e da descrença nas verdades absolutas ou nos sistemas universais. De forma semelhante, os estudos literários, além de postularem a precariedade em delimitar gêneros e espécies, colocaram em questão a representação calcada no realismo em face das estéticas modernas, defensoras da fragmentação do sujeito e das formas. (TETTAMANZY, 2012, p.4)

Foi com essa intenção que editei este documentário onde as falas de seu Beto e de Paula Tavares se cruzam quase que respondendo uma a outra: “Aqui, insistindo na importância de se pensar sobre os entrecruzamentos da oralidade com a escrita e de se

identificarem os traços comuns que as unem, no intuito de reforçar a memória. (QUEIROZ, 2010, p. 44)”

Coloco-as opostas, tentando visualizar, através do diálogo entre essas duas poéticas da voz, os dois lados da guerra: de quem olha e de quem é olhado.

Jeanne Marie Gagnebin, ensinando sobre a memória de guerra e a forma que os historiadores a contam, lembra que Homero escrevia para que os grandes feitos dos heróis não fossem esquecidos; e alerta que o historiador atual tem a mesma função de manter vivos os atos de guerra, porém já sem heróis nem glória, pois “ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados”. (GAGNEBIN, 2006, p. 47). Foi a partir deste contar o inenarrável que se selecionaram para este fim apenas dois textos. A narrativa de seu Beto (SB) de como agiam os Tupamaros em ataques, gravada em setembro de 2011, e a “Carta para Alexandra”, uma das últimas crônicas da obra, em que Tavares (APT) refere-se aos bárbaros e ao medo que eles plantavam.<sup>5</sup>

Começa a angolana:

- Todas as noites recolhemos preces novas, para juntar às antigas. (...) Quando a noite começa, o nosso medo aumenta: “os bárbaros aparecem à noite. Antes do escurecer, deve recolher-se a última cabra, trancar os portões, colocar uma sentinela, em todas as guaritas, para gritar o alerta está. Toda a noite, diz-se, os bárbaros rondam para matar e roubar. (TAVARES, 2004, p.75)

Seu Beto, ou o bárbaro, se defende dizendo que:

- Na guerrilha, a violência é uma questão de sobrevivência. Porque se lutemo por democracia, lutemo por igualdade, o que que temo que faze? Se debater com a força. Talvez numa guerrilha, a violência teje mais forte. Porque é uma violência planejada. Por exemplo: destruir uma delegacia, destruir uma escola, assalta um banco, pra buscar recurso pra sobrevivência da liderança da guerrilha, do grupo de guerrilheiro.

Percebemos que o foco é diferente. Seu Beto refere-se a lugares públicos e não a residências privadas como Tavares - uma vez que as guerras são outras. Mas a maneira de agir é a mesma: violenta. O que faz com que “em sonhos, as crianças vêem o rosto feroz dos bárbaros a espreitar pelos postigos.” (TAVARES, 2004, p.75/76).

Mas, crianças, diz Seu Beto:

---

<sup>5</sup> Para fim de melhor apresentação na defesa desta dissertação, elaborei outro documentário com as falas abaixo transcritas. Fui fiel ao diálogo aqui traçado.

- Quem usa mais a violência? É, o poder público, é o governo, é o exército, é a polícia, a gestapo<sup>6</sup>, porque ela prende um sequestrador, um guerrilheiro, ou um Tupamaro como eles dizem. Ou um sem licença, como dizem. Mas eles torturam essa pessoa até a morte. E quando essa pessoa não é morta, ela sai dali inutilizada. Ela tem sequelas que vai carregar pro resto da vida. Feita por cidadão, que se tem por cidadão, e por gente de bem, gente pacífica. Mas que pacífica? Se prende um guerrilheiro e se torna uma víbora? Ela coloca agulhas embaixo das unhas, ela dá choque elétrico, ela dá afogamento com *Creolina*. Então, quem usa mais a violência? É o guerrilheiro ou é a polícia? O exército, a força? Quem usa mais a violência? Quem usa mais aviolência não é o guerrilheiro. O guerrilheiro luta pela democracia, somente isso. Por a igualdade.(SB)

- As roupas desaparecerão das cordas de secar, a comida, das despensas, ainda que estejam bem trancadas. “Os bárbaros estão só à espera que as colheitas estejam preparadas, e então inundarão os campos outra vez”, disse o escritor<sup>7</sup> e a avó também falou. (APT - p.76)

- Tem que ter alimentação, tem que ter vestimenta, tem que ter arma. Muitas vezes, assaltar uma loja que tenha armamento, ou um quartel que tenha armamento. Então, tudo isso. É como diz o ditado: eu levo uma pra mim ganhar e a outra pra mim perde. Ou eu levo ou eu perco. Então, é assim a violência numa guerrilha. (SB)

- Temos fome, mas ninguém se lembra, e os campos ainda demoram um pouco para produzir. Salvam-nos as folhas que ainda conseguem nascer, o leite das cabras e das mulheres de barriga inchada, outra vez inchada, como se tivessem que transportar a terra inteira às costas e por dentro de si próprias. (APT - p.76)

- É a mesma coisa que tu pega uma balança de dois pratos; tu coloca 5 quilos numa, e 6 quilos noutra. É lógico, os 6 quilos vai pesar mais na balança, então, os 5 quilos vai lutar pra se iguala com aqueles 6 quilos. Pra ver se tira ao menos meio quilo daqueles seis, pra ver se fica cinco e meio e cinco e meio. Igual às coisas. É isso a luta do guerrilheiro. Ele tenta criar uma democracia onde iguale um pouco a coisa. Que é a mesma coisa, uma balança. O rico, o capitalista, e o pobre. (SB)

- Não sei a que cheira uma guerra nova, amiga. A guerra que passou aqui misturou os cheiros todos, os da pólvora (uma pólvora lenta, como algodão-em-rama, esteve aqui parada durante muitos anos), o cheiro seco da poeira (que afastou a chuva, a manteiga e as rãs) e o dos soldados (suor azedo e cansaço misturado com medo e violência). Mas mesmo assim não sei, amiga, a que cheira uma guerra nova. (...) A única coisa que sei é que deve ser um cheiro seco, de montanha moída, de barro, de cimento e de ferro. (APT - p.77-78)

— Faço mal em dizer, porque eu sempre quis a democracia, mas no tempo do militarismo, o pobre vivia melhor do que agora. E não tinha *Bolsa Família* e nada, nada do governo. Ele trabalhava com os braço, e vivia melhor do que agora. Quando eu era jovem, tinha dos meus 15 aos 20 anos, o meu pai conseguiu criar 18 filho, todos com saúde, com comida e com roupa. Hoje em dia, a ilusão da juventude é grife, porque antes a gente vestia uma bombacha de bolsa branca, um pijaminha de pelúcia, a nossa barriguinha andava cheia. E o nosso caderninho pra estudar, nós tinha.

E agora? A geração de agora, ela tem tudo. Tem uma roupa de grife, ela tem um tênis de grife, uma caneta e uma mesada, porque papai é burguês e dá uma mesada pro filho e ele tem uma caneta, mas pena que a caneta dele não escreve, a caneta dele só serve pra queimar craque. Infelizmente, é assim. (SB)

<sup>6</sup> Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/carrascos-nazistas-felizes-sempre-435351.shtml> Acesso em 10 de novembro de 2011.

<sup>7</sup> Ana Paula refere-se à obra de J. M. Coetzee. *À espera dos bárbaros*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986, p.109

Intrometo-me aqui neste diálogo para dizer que seu Beto pode não ter respondido a que cheira, mas disse a cor desta nova guerra que tem se espalhado pelo mundo. O narcotráfico que mata, espanca, assalta, tortura tantos ou mais corpos espalhados pelos campos de guerras mundiais. É com pesar que Tavares se despede dos irmãos do mundo, como sua amiga Alexandra, ou dos bárbaros, como seu Beto:

- Há mesmo gente que constrói altares. Talvez para que o sacrifício seja mais fácil. Para ti, minha irmã do mundo, desejo-te sorte, e que consigas dizer da morte anunciada das mulheres, do choro das crianças, lá em todos os sítios onde, ao que parece, o mundo anda do avesso e a terra não consegue completar as suas trezentas e muitas voltas em torno do sol. (APT - p.78)

Encerro, assim, este diálogo entre as diferentes poéticas, salientando que o elemento memória que as iguala tem o propósito diferenciado, por mais que ambas tenham a intenção de (res)significar. Paula Tavares recupera uma memória coletiva, cria outros sujeitos que representam o que ela diz poeticamente, enquanto seu Beto cria uma poética na tentativa de recuperar a sua memória e valorização individuais. Independentemente da forma ou intenção, o que vale aqui ressaltar é que a literatura – já que falamos em guerras – pode ser e é uma forte arma contra a desvalorização, marginalização, exclusão e esmagamento social que milhares de cowkes, Alexandras ou ainda seus Betos sofrem pelo mundo afora. Estejamos preparados para engatilhá-la no momento em que acharmos necessário.

É com base nessa conversa dura, forte e coerente (em sua incoerência) que busco embasamento teórico capaz de me ajudar a entender como, através da escrita, a oralidade se faz tão evidente.

Da mesma forma ocorre quando Paula Tavares apresenta alguns de seus personagens. Em “Maria Madalena”, por exemplo, diz: “Percorria os caminhos à procura das bocas da terra para colher, dos lábios ainda húmidos do princípio do dia, a matéria plástica necessária para fazer crescer do nada as vasilhas da vida.” (TAVARES, 2004, p.21) O que é o catador de lixo senão alguém que madrugava para colher as sobras do jantar como seu café da manhã? Com certeza, seu Beto e sua família muito enchem a vasilha da vida com a umidade saída da boca da sociedade burguesa – como ele chama. No entanto, é na crônica “Edith Södergran” que Tavares confessa: “Quando respiro, reponho vozes de mulheres de corpos maltratados e mãos prontas para começar o país e plantar, de novo, as árvores do pão, entretanto desfeitas” (TAVARES, 2004, p. 43). Tavares demonstra, nesta crônica, a influência da poetisa finlandesa de expressão sueca, que entre Finlândia e Rússia enfrentou caminhos diferentes,

porém que resultavam em doenças e guerras. Não é à toa que Tavares a escolhe, pois também são esses princípios que acolhem a memória de nossa escritora angolana.

Ainda apresentando mulheres que atuam além da voz, Tavares disserta sobre “A velha Felícia”. Tendo adotado o nome secreto de “tecedora de sonhos”, começa a

governar o tempo, mesmo quando este se detinha entre Julho e Agosto. Os dias eram mais difíceis mas, mesmo assim, alguma coisa sobrava quando o arco-íris se esticava sob as nuvens, cruzando a crista da serra, boca e cauda, como arco do mundo.(TAVARES, 2004, p. 81/2)

Mesmo sem explicar “a ninguém as suas certezas sobre os Egípcios, nem seus conhecimentos sobre a arte de manejar o tear vertical e as descrições das caravanas, com a repetição frequente do nome de Tipu-Tib e a língua de comércio inventada por ele” (p. 82), a velha Felícia, personagem verídica e popular de sua comunidade, torna-se uma referência das narrativas populares, mesmo quando:

Deixou de falar e passou a dormir de dia, para passar a noite a escrever o livro dos sinais, dividido em três partes: branco, preto e ocre. Escolheu o branco para a linguagem da fundação: a coroa representando o nome de deus, o machado duplo e as lanças territoriais com o segredo da tartaruga e do vaso da água. A preto, em gradações de claro-escuro, bordou, em duplo relevo, a manta do casamento, o lençol do nascimento e os três xailes da casa de iniciação onde tinha oficializado. Em torno do animal do sacrifício, inscreveu as assimetrias de um registro figurativo particular: personagens, bestiário e a longa estrada (caminho de pé posto), que tinha percorrido ao contrário, das costas do Índico às quase margens do Atlântico. Reservou os tons ocre para a metáfora da terra em agonia, que guardou no grande pano, onde introduziu a desordem. (TAVARES, 2004, p. 83)

Enfim, percebemos que a linguagem performática foi o que chamou a atenção de Ana Paula Tavares nesta narradora. Seu silenciar e falar através das cores tornaram-se a forma de comunicação desta velha.

Ainda relatando sobre os mais antigos, Tavares nos apresenta outros tipos de Mulheres, como as descritas na crônica “As Mais-Velhas”:

Por vezes e sem que se note muito param, entre o dia e a noite, um momento, para passar, em forma de história, provérbio ou adivinha, lugares de culto, os nomes do caminho. São livros de marinharia que trazem escritos dentro da memória e, em segredo, libertam do esquecimento.

Quando isso acontece, acontece um momento de milagre em que esquecem sua condição de formiga e acendem a voz, soprando as palavras até que o fim do dia apague a trêmula chama de um ritual de cacimbo bem afinado. (TAVARES, 2004, p.80)

Estas que guardam na memória o valor do passado e:

crecem sob o signo das sobreviventes, com a testa marcada pela estrela em brasa das vacas eleitas para serem mães, mulheres, irmãs.

O corpo jovem depressa se perde numa via crucis regulada por um calendário igual: ter filhos a cada ano e fazê-los crescer em sonhos de leite.

Ninguém dá por elas enquanto deslizam como sombra, fortes, pelas dobras das casas, perpassando o tempo em ternura e eficácia. (TAVARES, 2004, p.79)

Enfim, sejam elas ativas socialmente ou apenas geradoras anuais de filhos, são mulheres que fazem, marcam, semeiam e contam a história através de suas memórias.

Entre todas elas, escolhi a Tia Emília, da crônica “A tia Emília e as gregas”, para chegar ao último ponto final. Talvez por ela sintetizar, além dos aspectos performáticos da voz, os temas aqui trabalhados anteriormente – guerra e colonização, pois:

Escolheu a cidade devastada para passear suas remotas origens e procurar a vida (veias, músculo, massa e tristeza) por debaixo do conjunto desorganizado das casas, musseque e urbe acasalados para lá da ordem, com os seus interiores à mostra: roupas velhas no meio do fogo faz acácias, homens e mulheres náufragos da sua própria memória e nus ao longo das ruas de sentido proibido. (TAVARES, 2004, p.85)

E foi assim, com palavras “simples, como fórmulas e antigos testamentos para usar todos os dias” (TAVARES, 2004,p.87) que tia Emília espalhou a esperança entre os que mais precisam dela, entusiasmando o que foram chamadas de:

As gregas (de mãos perdidas e dedos longos para acariciar anjos) sabem como Maria Emília, exuberante no colo e nos gestos, era capaz de poupar na palavra, substituída pelo pequeno-almoço eficaz, ou a gaze molhada de soro em cima das feridas da noite. (TAVARES, 2004, p.87)

Talvez seu Beto seja a minha Maria Emília; quem me ensinou a ser grega, pois assim me sinto: continuadora de suas ações e desbravamentos para a melhoria social. Escolho como armas, assim como Tavares, ao invés de fogo, palavras, pois sei que em “um destes domingos sairá de manhazinha, de palavras muito soltas nos bolsos, para nunca mais voltar, mas sei que voará mansinho no sítio onde dormem as palavras e tudo está previsto.” (2004, p.87 – adaptado)

## **REFERENCIAL**

BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva: 2010.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência In: Literatura e Resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p.118-135

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A Queiroz Eitor, 1983

CABRITA, Antônio. O mundo banha-se em sangue/edith sodërgran. Disponível em <http://raposadasul.blogspot.com/2011/02/o-mundo-banha-se-em-sangueedith.html> acesso em 18 de fevereiro de 2012.

CARVALHO, Ruy Duarte de. A câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras. Lisboa: Cotovia, 2008.

CHAVES, Rita. “A cabeça de Salomé”, de Ana Paula Tavares. Disponível em [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=13295](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13295) acesso em 15 de fevereiro de 2012.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac & Naify, 2011

CLIFFORD, James. A antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da Literatura. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010

DELEUZE E GUATTARI. A máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado In Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter PálPelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997 (Versão digital)

ECKERT, Cornelia., "Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica." In HUMANAS, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre v 19, 1996-1997.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O tempo e a cidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005

ECO, U. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994

EWALD, Felipe Grüne. **Estruturas metanarrativas: Nos meandros da produção poética na voz de um narrador urbano.** In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010. p. 64-79

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300027&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300027&script=sci_arttext) acesso em 10 de março de 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer: São Paulo, Ed. 34, 2006.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002

GOMES, Fernanda Antunes. A arte de cronicar em Ana Paula Tavares. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (na especialidade de Literaturas Portuguesa e Africanas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007

GONDA, Cinda. O cântico dos cânticos de Ana Paula Tavares. In:SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Tereza; JORGE, Silvio Renato. África, escritas literárias: Angola, Cabo

Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p. 151-160

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro: 2006

HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL. Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARTMANN, Luciana. Donos da Palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais da América do Sul. Santa Maria: Ed UFSM, 2007

HARTMANN, Luciana. Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Ed da UFSC, 2011

HOBBSAWM, Eric. Bandidos. São Paulo Paz e Terra . 2010

KEELEY, Laurence. A guerra antes da civilização: o mito do bom selvagem; Tradução de Fabio Faria. – São Paulo: É reslições, 2011.

LEIRIS, Michel. África Fantasma. São Paulo: CosacNaify, 2007

LEITE, Ana Mafalda. Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MACÊDO, Tânia. Estas mulheres cheias de prosa: a narrativa feminina na África de língua oficial portuguesa. In LEÃO, Ângela Vaz. Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MANOEL, Valêncio. História de Angola. Disponível em <http://rubelluspetrinus.com.sapo.pt/angola-h.htm> acesso em 07 de março de 2012.

MEMMI, Albert. O retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a.

MEMMI, Albert. O retrato do descolonizado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOORE, Carlos. A África que incomoda: sobre a problemática do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. Africanas vozes em chama. In CHAVES, Rita e Macêdo, Tânia. Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006. P.121-128

PADILHA, Laura Cavalcante. Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PADILHA, Laura. Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2ª edição. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007

PEREIRA, Érica Antunes. Os Limites (Ou Não) Do Espaço Feminino Na Poesia De Adélia Prado E Paula Tavares. <http://www.sougentemiuda.com.br/>

QUEIROZ, Sônia. Metamorfoses do conto oral, entre voz e letra. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010. P. 42-51

RIBEIRO, Margarida Calafate. E outras vozes se levantam: Ana Paula Tavares responde a Luis de Camões. Revista ex æquo, n.º 17, 2008, pp. 119-129. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aeq/n17/n17a08.pdf> acesso em 18 de fevereiro de 2012.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Poder e conhecimento na poesia de Ana Paula Tavares. In: SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Tereza; JORGE, Silvio Renato. África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p. 141-150

ROSSI, Paolo. O passado, a memória e o esquecimento. São Paulo, Editora da UNESP, 2010

SAMPAIO, Neida Aparecida de Freitas. Por uma poética da voz africana: Transculturações em romances e contos africanos e em cantos afro-brasileiros. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010

SARAMAGO, José, “O autor como narrador”, in *Ler* , 38, Primavera-Verão, 1997, pp. 36-41

SECCO, Carmem Lucia Tindo. A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. Rio de Janeiro: Quartet, 2008

TAVARES, Ana Paula. A cabeça de Salomé. Lisboa: Caminho. 2004

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Ficções de si: auto-etnografia em Ruy Duarte de Carvalho in *Mulemba*. Rio de Janeiro:UFRJ, V.1, n.7, pp.4-19, jul./dez. 2012. Disponível em [http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo\\_7\\_1.pdf](http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_7_1.pdf) acesso em 12 de fevereiro de 2013.

VENTURA, Susane. Entrevista com Ana Paula Tavares, escritora angolana. Disponível em <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2009/01/entrevista-com-escritora-angolana-ana.html> acesso em 15 de fevereiro de 2012

ZILBERMAN, Regina. Práticas narrativas, oralidade e memória. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato et al. Sobre as Poéticas do Dizer: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e voz, 2010. P. 28-41

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo:Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poética oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naity, 2007.